O conceito de tempo nas confissões de Agostinho de Hipona

The concept of time in the confessions of Augustine of Hippo

Antonio Sampaio Neto

Introdução

O que é o tempo? Como podemos medi-lo? Quanto tempo o tempo tem? Este trabalho tem por objetivo apresentar de forma breve o conceito de tempo num dos livros escritos por Agostinho chamado *Confissões*. Por meio de uma acurada investigação, este trabalho visa um entendimento do conceito de tempo segundo um dos mais proeminentes filósofos da história do pensamento chamado Agostinho de Hipona. Esta pesquisa visa também colaborar com o conhecimento por meio de investigação do tema. Para isso, adota-se a pesquisa bibliográfica para chegar a resultados satisfatórios para a confecção final deste trabalho que será feito no formato de artigo.

Após elencar algumas passagens importantes que falam sobre o tempo no livro XI, investigou-se também importantes autores para encontrar resposta satisfatória para o entendimento da visão agostiniana do conceito. O primeiro passo para chegar a tal compreensão foi uma leitura detalhada e minuciosa do livro XI das "Confissões", identificando algumas passagens em que Agostinho aborda o sentido da palavra tempo. Esse levantamento permitiu compreender como o autor explorou esse tema e quais são os principais momentos em que ele reflete sobre sua natureza e desdobramentos. A partir da análise das passagens selecionadas, buscou-se compreender a concepção de tempo segundo Agostinho e as características atribuídas ao termo, bem como seu papel e lugar na visão agostiniana.

Uma razão para a escolha deste tema e autor é o impacto duradouro que as obras de Agostinho têm no mundo. Suas ideias influenciaram pensadores ao longo dos séculos e continuam sendo objeto de estudo e discussão até os dias de hoje. "Confissões" é de grande valor histórico, literário e teológico, revelando aspectos profundos de sua vida, fé e pensamento. Portanto, a análise do conceito de "tempo" permite uma abordagem singular sobre a visão do autor acerca dessa temática tão complexa e universal.

Este trabalho também visa preencher uma lacuna na literatura acadêmica, uma vez que a abordagem específica do conceito de tempo na obra "Confissões" de Agostinho foi pouco explorada, tendo em vista a grandeza do tema. Contribuir para o preenchimento

desse espaço no conhecimento acadêmico é uma das motivações deste estudo, visando enriquecer o campo dos estudos filosófico/teológicos numa perspectiva singular ao tratar este tema pouco abordado, principalmente na língua portuguesa.

Além disso, o estudo do conceito de tempo nas "Confissões" de Agostinho pode fornecer insights valiosos sobre como esse tema foi concebido e refletido na Antiguidade Tardia, época marcada por transformações culturais e religiosas. O contexto histórico no qual Agostinho viveu e escreveu, desempenhou um papel significativo em sua compreensão filosófica e teológica, e a análise desse período é crucial para compreender as bases de seu pensamento sobre o tempo.

Ao investigar se Agostinho possui uma definição do conceito tempo nas "Confissões" percebe-se que a uma primeira lida tal noção não é clara, necessitando assim de uma pesquisa e investigação mais aprofundada para se chegar a tal resposta. Eis aqui o âmago desta pesquisa: desvendar como Agostinho aborda a questão do tempo, quais são os elementos que permeiam sua concepção e de que forma isso influencia sua visão de mundo, de Deus, da existência humana e espiritualidade; por fim, entender como grandes escritores compreenderam Agostinho e este tema.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Não se encontra um livro sequer em língua portuguesa que se proponha a analisar e investigar especificamente o conceito de tempo em Agostinho, embora este tema seja um dos maiores mistérios e problemas filosófico-teológicos da humanidade. O que se consegue encontrar são análises temáticas deste assunto dentro de um capítulo específico de uma obra, como é o caso dos livros e artigos citados neste trabalho. Encontra-se também uma pequena quantidade de artigos, monografias dissertações sobre o tema.

Partindo da premissa deque para se ter uma boa pesquisa é necessário um bom problema, este tema se revela extremamente propício. É obvio que quando se propõe a investigar determinado tema, quanto menos se tem escrito sobre ele, maiores são as dificuldades encontradas pelo pesquisador, bem como maior é a possibilidade de algum equívoco ser cometido nesse ínterim. Quando se tem boas revisões de literatura, boas pesquisas e bons livros sobre determinado assunto, o pesquisador atento pode evitar alguns erros que outros pesquisadores cometeram.

Para um resultado satisfatório sobre o tema proposto, além do livro XI das

"Confissões", outras importantes obras foram verificadas por meio de pesquisas direcionadas ao tema proposto, a saber, o conceito de tempo nas Confissões de Agostinho.

A obra mais importante para a realização desta pesquisa, mais pela profundidade da análise do autor do que pela quantidade de citações, foi a "Introdução ao estudo de Santo Agostinho" de Étienne Gilson, especialmente o capítulo I chamado "A criação e o tempo", localizado na terceira e última parte da obra citada.

Gilson, que foi um profundo e profícuo pesquisador sobre Agostinho, faz uma análise temática de importantes pontos da teologia e filosofia do autor. Neste capítulo, Gilson analisa o tempo e criação. Embora a criação não seja o tema deste trabalho, é perfeitamente possível analisar apenas a parte congruente a esta pesquisa.

Atrelar tempo e criação é algo marcante nos escritos temáticos sobre Agostinho, pois também é a linha adotada em outra referência extremamente importante citada neste trabalho escrita por Simo Knuuttila (In Eleonore Stump org.) no capítulo chamado *"Time and creation in Augustine"* da obra *"The Cambridge Companion to Augustine".*

Entre todas as obras citadas neste artigo, o livro *"Routledge History of Philosophy Volume II - From Aristotle to Augustine,"* organizado por David Furley, é o único que se concentra especificamente no conceito de "tempo" em Agostinho. No capítulo XII, escrito por Gerard O'Daly, são analisados conceitos importantes de Agostinho, incluindo uma breve exploração do tempo em pouco mais de duas páginas. Mesmo sendo conciso, oferece uma análise profunda do tema.

As obras "Santo Agostinho: Uma biografia" de Peter Brown, "A humanitas em Santo Agostinho" ou "Como santificar o homem nas ruínas do império romano" e "A África de Santo Agostinho e a sociedade de seu tempo" de Marcos Roberto Piratelli foram importantes para a confecção da parte inicial biografia de Agostinho contida neste trabalho.

A obra de Possídio, um amigo íntimo de Agostinho, intitulada "Vida de Santo Agostinho," transcende o formato tradicional de biografia de que se tem conhecimento nos tempos modernos. É praticamente uma análise profunda de Agostinho, feita por alguém que compartilhou uma convivência próxima com o Bispo de Hipona, conferindo-lhe conhecimento e autoridade para essa análise detalhada.

José Renivaldo Rufino escreveu uma dissertação de mestrado que também dedica um capítulo à análise do tempo e criação. Já o livro organizado por Jairo Marçal chamado "Antologia de textos filosóficos", é uma análise de alguns pontos do pensamento de vários

filósofos, incluindo Agostinho.

Após um breve relato de sua biografia, os autores do capítulo intitulado "Agostinho: A razão em progresso permanente", Cristiane Abbud Ayoub e Moacyr Novaes realizam uma análise concisa do livro XI das “Confissões”. Este é um livro com apenas 73 páginas, intitulado "Tempo e razão: 1600 anos das Confissões de Agostinho", que contém um capítulo de apenas 20 páginas com o título "Tempo e memória no pensamento de Agostinho". Esta obra também teve um papel significativo ao revelar de forma clara o entendimento agostiniano do conceito proposto.

Pinto e Marçal, em um artigo chamado "Tempo e Eternidade: Notas acerca do Livro XI das Confissões de Agostinho", analisam o tempo em relação à eternidade, percorrendo um caminho semelhante ao abordado por Giovani Fernando Cardoso em um artigo intitulado "Tempo e Eternidade em Santo Agostinho".

2 AGOSTINHO, SEU TEMPO E SEU MUNDO

Dista-se de Agostinho temporalmente cerca de 1700 anos, o que torna essencial a contextualização do mundo de Agostinho para uma compreensão mais profunda deste trabalho.

Aurélio Agostinho nasceu no ano de 354 depois de Cristo em Tagaste, cidade localizada na antiga Numídia, no norte da África, onde atualmente está erigida a cidade de Souk Ahras, na atual Argélia. Faleceu em 430 depois de Cristo em Hipona.

Filho de Patrício, um homem pobre, e Mônica, uma cristã devota e piedosa, Agostinho "cresceu num mundo duro e competitivo em meio a membros orgulhosos e empobrecidos da classe alta". O pai de Agostinho andava malvestido, mas se esforçou significativamente para proporcionar a Agostinho a educação, uma das poucas formas de ascensão social naqueles tempos.

Apesar de Agostinho inicialmente ter interrompido seus estudos devido a problemas financeiros, posteriormente superou essas dificuldades por meio da educação. Ele alcançou um marco notável ao se tornar professor de retórica na cidade de Milão, na Itália, o que representava uma grande conquista e simbolizava ascensão social para alguém que cresceu no norte da África em uma simples província romana. Seu percurso educacional incluiu passagens por Tagaste, Maduros e Cartago, onde, aos 18 anos de idade, leu a obra de Cícero chamada "Hortênsio".

Após sua conversão, Agostinho exerceu o sacerdócio na cidade de Hipona entre os séculos IV e V. Como era comum na época, as pessoas notáveis eram identificadas pelo nome da cidade onde se destacavam, e ele carregava o sobrenome "Hipona".

Hipona era uma antiga cidade localizada onde hoje se encontra a cidade de Annaba, na Argélia, e estava situada na província da Numídia, sob o domínio do Império Romano. Agostinho foi um pastor em plena atividade ministerial durante esse período.

Até o século V, o mundo era dominado pelo Sacro Império Romano, que havia conseguido, pela espada, trazer certa paz, prosperidade, boa estrutura e boas estradas para o império (Pax Romana). A partir do século II, o império começou a apresentar algumas fragilidades, como guerras civis, disputas internas pelo poder e, principalmente, invasões estrangeiras. A decadência deste império que outrora reinou absoluto, reprimindo com mãos de ferro toda tentativa de rebelião, era nítida.

Os bárbaros começaram a migrar para a Europa Ocidental, provocando a queda do Império Romano do Ocidente. Godos, Suevos, Francos e Vândalos atacavam Roma e ofereciam uma resistência difícil de não ser sentida no império, pois comprometia o fluxo de escravos que compunham uma força de trabalho indispensável, uma vez que era uma das bases do desenvolvimento do império, tudo isso associado a um retrocesso populacional.

Estes fatores somados acarretaram a queda do Império Romano do Ocidente. Ocorreu, então, no Ocidente Europeu, a dissolução do Império Romano. O Império Romano mantinha seu sustento, sobretudo pela exploração das províncias conquistadas, de tal maneira que, quando começaram a perder essas províncias, sua queda se tornou inevitável.

Roma estava com sua segurança comprometida, condição esta até então impensável diante de toda força e poder de um império que parecia invencível. O aumento de impostos e a obrigação dos filhos seguirem a carreira dos pais não foram capazes de trazer novamente uma ordem social, e agora o estado romano, que outrora era caçador, havia se tornado caça, uma presa relativamente fácil para os povos bárbaros que minavam constantemente suas forças. A grande fortaleza estava ruindo vagarosamente junto com todo orgulho e altivez de seus imperadores que se declaravam deuses.

Foi neste contexto que Agostinho escreveu sua autobiografia chamada “Confissões” no ano de 397, logo após se tornar bispo de Hipona e pouco antes da queda do Império Romano. Importante lembrar que os filósofos pagãos haviam criado uma

tradição de autobiografia religiosa, tradição esta seguida por cristãos. Essa constatação fez com que Agostinho tivesse público para sua obra.[1]

3 A QUESTÃO DO TEMPO NA FILOSOFIA: UMA BREVE SÍNTESE

O tempo é sem dúvida um dos maiores problemas filosóficos da história do pensamento. Grandes filósofos, pensadores, escritores, poetas, músicos, refletiram sobre este tema, cada um à sua maneira. Este debate vai além do campo teológico e filosófico se estendendo a diversas outras áreas do conhecimento. Dentre tantos entendimentos e debates nas mais diversas áreas, constata-se que um dos maiores pensadores de todos os tempos, o filósofo e teólogo Agostinho de Hipona, tem um entendimento profundo, particular e totalmente centrado em Deus acerca deste tema.

Agostinho sempre partia de um pressuposto indispensável para produzir suas obras: Deus. Para Agostinho, Deus é o criador do tempo, do homem e da eternidade. Falando sobre o homem no tempo e o tempo no homem, Agostinho se aprofunda em sua análise mostrando de como o homem entende o tempo e como o tempo afeta o homem. A obra em questão reúne em si todas as possibilidades para se fazer pesquisas em diversos campos do saber, pois em trechos a obra é poesia, em outros, filosofia, teologia, psicologia, astronomia dentre outros, o que explica o interesse dos mais variados segmentos acadêmicos por conhecerem o autor e seus escritos.

A obra mais importante para este trabalho é o livro chamado "Confissões". Sobre esta obra, Francisco Benjamim afirma que "Confissões ressoam como um acerto de contas de Agostinho com Deus e com ele próprio sem discriminação do mundo, mas sem uma preocupação de prestar contas a este"[2]. Nesta obra o filósofo de Hipona expõe quais as implicações do conceito tempo na vida do homem, quem o criou, dentre outras perguntas que se propõe a responder.

"Confissões" narra a infância de Agostinho, sua vida pré-conversão, pós-conversão, sua relação com sua mãe Mônica, sua esposa e também seu filho Adeodato, os períodos de simpatia e rompimento com as ideias maniqueístas, dentre outros assuntos filosófico-teológicos, e termina com uma análise do livro de Genesis mostrando como a Bíblia deve ser interpretada.

[1] BROWN, Peter. **Santo Agostinho:** Uma biografia. São Paulo: Record, 2005, p. 196.
[2] BENJAMIM, F. **Tempo e Razão:** 1600 anos das Confissões de Agostinho, Loiola, 2002, p.10.

Afinal de contas, por que Agostinho escreveu esta obra? Qual foi seu propósito ao fazer relatos tão pessoais e íntimos confessando seus pecados? Este livro foi escrito em primeira pessoa do singular, o que ajuda a entender o seu propósito, inclusive o fato de ser intitulado "Confissões". Neste contexto, "Confissões" é como se Agostinho se colocasse em um divã, onde ele é analisado e realiza a análise, fazendo perguntas a si mesmo e fornecendo respostas profundas diante de Deus.

Num primeiro momento, essa obra não é para o público em geral; ela é uma expressão de Agostinho para Deus. Suas palavras não são diretamente direcionadas a nós. Em um segundo momento, no entanto, os leitores de Agostinho invariavelmente se identificam com a história por meio das palavras narradas. "Confissões" age como um espelho que possibilita a reflexão sobre a própria identidade no contexto do livro de Agostinho. Embora tenha como alvo principal a divindade, são seres humanos que a leem.

É precisamente aqui que reside o paradoxo desta obra. Não é à toa que Agostinho próprio questiona, no início do Livro XI, o porquê de confessar a Deus o que Ele já sabe, afirmando que Deus vê no tempo o que se passa no tempo. A resposta de Agostinho para essa problemática fica clara quando ele diz que narra esses acontecimentos para exercitar seu afeto para com Deus e para aqueles que desejam ler a obra. Ele o faz principalmente "pelo desejo de Vos amar". Agostinho ama a Deus do início ao fim desta obra.

É perceptível a importância que escrever esta obra teve para Agostinho, pois ele afirma que o próprio Deus o impeliu a escrever e a se confessar mediante essas palavras. Na visão de Agostinho, Deus é de um ser pessoal, criador, todo poderoso e onipotente, conforme supracitado, pressuposto claro nas Confissões. Mas afinal, porque Agostinho disponibilizou um capítulo das Confissões para filosofar sobre o tempo?

Como Confissões é um livro de Agostinho para Deus, deve-se entender que tudo que contém ocupou algum dia em sua vida um lugar especial em suas meditações. Se Agostinho trata do tempo com tanta profundidade, o faz simplesmente para abrir seu coração diante de Deus versando a respeito de um tema importante e significativo para ele.

4 AGOSTINHO E O TEMPO

O livro “Confissões” não foi escolhido em vão para servir como base desta investigação. Embora não seja a única obra que Agostinho reflete sobre o tema, “é a mais completa por ter-se a possibilidade de encontrar aqui tudo que há nas demais passagens

sobre o tema".[3]

Agostinho possui uma noção clara sobre o conceito tempo nas Confissões? Certamente, pois o autor apresenta reflexões profundas sobre a natureza do tempo, mas essa visão não é imediatamente clara e requer uma análise cuidadosa das passagens relevantes no livro XI das "Confissões". Este trecho do trabalho consiste justamente na necessidade de desvendar como Agostinho aborda o conceito, bem como os elementos que permeiam sua concepção, segundo a visão de alguns autores e escritores que investigaram o pensamento do Bispo ao longo da história.

"Confissões" está dividida em duas partes principais: consiste na biografia de Agostinho na primeira parte que vai do livro I ao IX, e a segunda parte que vai do livro X ao livro XIII, cuja reflexão é sobre alguns temas e pensamentos filosófico - literários. É na segunda parte que está localizada o livro XI.

O livro X deve ser entendido e interpretado a partir de uma ótica que contempla o todo da obra que faz parte. Para Cristiane Abbud Ayoub:

> Considerado um estudo dos conceitos de eternidade e tempo, o Livro XI das Confissões deve ser lido como parte de um projeto geral. O leitor deve levar em conta o "fracasso" enunciado ao final do Livro X, para entender o papel dos livros XI-XIII, que totalizam a obra. Em resumo, podemos dizer que o Livro X encerra as narrativas baseadas na vida de Agostinho. Depois de apresentar sua primeira infância no Livro I, as "Confissões" acompanham a vida do narrador até o seu momento presente. Se nos primeiros livros o autor, que é também narrador, fala de um Agostinho distante, primeira criança, depois adolescente etc., seria de se esperar que as narrativas finalmente encontrassem o presente do narrador. E isso acontece e não acontece. É claro que os Livros I-IX versam sobre o passado de Agostinho, e o Livro X versa sobre seu presente. No entanto, paradoxalmente, o Livro X exibe o desencontro profundo de Agostinho consigo mesmo. Quando o leitor esperava encontro, depara com abismo. O final do Livro X é uma apresentação meticulosa da distância que um homem tem de si mesmo. Com isso, esgota-se uma estratégia narrativa. Narrar a própria vida não propiciou uma reconciliação. O narrador foi descobrindo a distância que tinha não apenas de Deus, mas também de si mesmo. Ora, nesse contexto teórico, o Livro XI tem a tarefa de examinar outra e mais importante narrativa: a narrativa baseada na palavra divina, a narrativa da criação, segundo o livro do Gênesis: "No princípio Deus fez o céu e a terra." [4]

Esta citação esclarece o motivo pelo qual Agostinho optou por não se aprofundar em sua fase adulta e madura, preferindo direcionar suas reflexões a Deus, à criação e a

[3] BENJAMIM, Francisco. 2002, p.10.
[4] MARÇAL, Jairo. Antologia de Textos Filosóficos. In. AYOUB, Cristiane Abbud (org). **Agostinho:** A razão em progresso permanente. Curitiba: Seed, 2009, p. 23-24.

outros temas relevantes. Agostinho desvia sua autobiografia para focar no Deus criador, onde encontrou orientação. A transição entre o Livro X e o XI, mudando de Agostinho para Deus e da terra para o céu, sugere uma busca de reconciliação. Para Agostinho, autodescoberta e reconciliação estão ligadas a ser encontrado por Deus.

O livro XI, segundo Knuuttila pode ser entendido basicamente da seguinte maneira: "Agostinho trata primeiro da eternidade atemporal de Deus, da temporalidade dos seres criados e do início do tempo e do mundo na criação"8.

Agostinho inicia o livro XI revelando a seus leitores sua intenção ao escrever este capítulo. Ele "escreve estas páginas, a fim de todos exclamarem: Deus é grande e digno de todo louvor"[5]. Está claro, não somente no livro XI, mas toda obra, que Agostinho escreve e reflete diretamente influenciado por sua cosmovisão e pressuposto desde o início das "Confissões" de que Deus é o Criador, por isso digno de toda honra e toda glória.

Suas palavras apontam a esta realidade quando diz: "narro estas coisas pelo desejo de Vos amar"[6]. Mas para amar a Deus é necessário escrever livros? Certamente é uma das formas, principalmente quando se sabe que suas palavras ajudarão outros a seguir a mesma trilha. Ao propor sua intenção no início do livro XI, percebe-se a natureza desta obra escrita para a glória de Deus.

Constata-se inicialmente uma associação da ideia de tempo no livro XI a uma passagem que marca o início desta discussão.

A esse, quem o poderá prender e fixar, para que pare um momento e arrebate um pouco do esplendor da eternidade perpetuamente imutável, para que veja como a eternidade é incomparável, se a confronta com o tempo, que nunca para? Compreenderá então que a duração do tempo não será longa, se não se compuser de muitos movimentos passageiros[7].

Não se pode prender ou parar o tempo. Agostinho compara o tempo com a eternidade e estabelece clara relação entre ambos. A eternidade é superior ao tempo, está acima do tempo. Para Gilson, Deus sendo eterno criou o tempo e a eternidade, mas nós, limitados, não conseguimos entender exaustivamente a complexidade da relação tempo e

[5] AGOSTINHO, Santo. Confissões: In: **De Magistro.** Do Mestre Santo Agostinho. Trad. RICCI, Ângelo. 3ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 209.
[6] AGOSTINHO, Santo. 1984, p. 209.
[7] AGOSTINHO, Santo. 1984, p. 216.

eternidade[8]. Nas palavras de Gilson[9]:

> O homem somente poderia chegar à conclusão de subtrair seu pensamento do fluxo que o arrasta, de se solidificar, por assim dizer, e, recolhendo num presente permanente a totalidade do que não é mais e do que ainda não é, de passar realmente do tempo à eternidade.

Knuuttila também concorda com Gilson ao afirmar que[10] "a resposta de Agostinho aos argumentos contra o início temporal do mundo baseia-se numa distinção nítida entre tempo e atemporalidade. O tempo depende do movimento e, como Deus é imóvel, não há tempo antes da criação".

Obvio que nem se fosse possível ao homem parar o tempo, como insinua Agostinho, seria possível apreender, compreender e contemplar de forma completa a eternidade. Sendo assim, o que resta a homens finitos é viver o tempo no tempo, se contentando com a curta duração de um tempo presente que dura nada mais que um instante. Em comparação com a eternidade, o tempo torna-se trivial. Para Agostinho, o tempo está em constante fluxo, destacando sua natureza efêmera, enquanto a eternidade permanece inalterada. Esse contraste é profundamente significativo no contexto apresentado: "A eternidade imóvel determina o futuro e o passado"[11]. A noção de eternidade não é a inexistência ou superação do tempo, mas Agostinho faz menção ao Deus eterno em quem tudo se fez. Agostinho atrela a noção de eternidade a Deus, ideia esta que marca de forma clara e significativa algumas outras reflexões sobre tempo no livro XI.

Para Gilson, "tempo é mudança por definição"[12]. Ao afirmar que tempo é mudança, Gilson categoriza o tempo a uma condição específica: o de criatura. O que caracteriza tanto uma criatura, senão todas as mudanças que ela vive? Isto nada mais é do que sinônimo de finitude e limitação. O autor interpreta precisamente Agostinho no sentido de que o tempo é posterior a Deus já que foi criado por Ele.

5 PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Segundo Gilson, em Agostinho o que nos resta em relação ao tempo é apenas um "curto presente que dura apenas um instante, por isso quando não estendido se torna algo

[8] GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho.** São Paulo: Paulus, p. 361.
[9] GILSON, Étienne. p. 369.
[10] KNUUTTILA, SIMO. Time and creation in Augustine. In: STUMP, Eleonore (org). **The Cambridge Companion to Augustine**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. P.9.
[11] AGOSTINHO, Santo**.** 1984, p. 216.
[12] GILSON, Étienne. p. 360.

que já foi ou algo que ainda não é"[13]. Para Gilson, em Agostinho toda substância se resume ao momento indivisível que é o presente[14]. Nesta citação o autor enxerga no pensamento agostiniano uma espécie de primazia do presente sobre os outros tempos. Mas como estender o instante presente? Como aumentar o agora? Eis aqui todo dilema que envolve esta discussão. Seria o tempo para Agostinho apenas aquele instante? Aquilo que não dura e que não podemos medir? Se o tempo é um instante, o que é o instante e quanto tempo ele dura? Vejamos mais um trecho importante das "Confissões":

> Vejamos, portanto, ó alma humana, se o tempo presente pode ser longo. Foi-te concedida a prerrogativa de perceberdes e medires a sua duração. Quem responderá? Porventura cem anos presentes são muito tempo? Considera primeiro se cem anos podem ser presentes. Se o primeiro ano está decorrendo, este é presente, mas os outros noventa e nove são futuros, e, portanto, ainda não existem. Se está decorrendo o segundo ano, um é passado, outro presente e os restantes futuros. Se apresentarmos como presente qualquer dos anos intermediários da série centenária, notamos que os que estão antes dele são passados e os que estão depois futuros. Pelo que cem anos não podem ser presentes. Examina, pelo menos, se o ano que está transitando pode ser presente. Com efeito, se o primeiro mês está passando, os outros são futuros. Se estamos no segundo mês, o primeiro já passou e os outros ainda não existem. Logo, nem o ano que está decorrendo pode ser todo presente, e, se não é todo presente, não é um ano presente. O ano compõe-se de doze meses; um mês qualquer é presente enquanto decorre; os outros são passados ou futuros. Nem sequer, porém, o mês que está decorrendo é presente, mas somente o dia. Se é o primeiro dia, todos os outros são passados; se é um dia inteiro, está entre dias passados e futuros. O tempo presente, o único que julgávamos poder chamar longo, ei-lo reduzido apenas ao espaço dum só dia. Mas discutimos também acerca dele, porque nem sequer um dia é inteiramente presente.[15]

Agostinho percorre um caminho com total coerência lógico/filosófica em toda sua reflexão sobre tempo. Nesta citação diz que não sabe onde está o passado, tampouco o futuro. Não se pode provar onde estão o passado e o futuro, pois ninguém sabe onde estão. Onde quer que estejamos, o passado e o futuro não estarão mais, não são um lugar para que alguém já possa ter estado, a não ser de forma subjetiva, como lembrança ou expectativa. O'Daly afirma que na visão de Agostinho "o passado e o futuro não existem (no sentido de existir agora), mas estão presentes na memória e na expectativa" [16].Sobre o presente, apesar de não ser possível determinar com exatidão o que é e quanto dura,

[13] GILSON, Étienne. p. 365.
[14] GILSON, Étienne, p. 366.
[15] AGOSTINHO, Santo**.** 1984, p. 218-219.
[16] O'DALY, Gerard. Augustine. In FURLEY, David (org). **Routledge History of philosophy** V.II - From Aristotle to Augustine. New York: Routledge, 1999. P. 417. (tradução minha)

mesmo que curto, está reduzindo a um curto período de espaço, visto que tempo é mudança.

Na obra de Agostinho, consta a seguinte frase: "O tempo não pode medir a eternidade"[17]. Mas afinal de contas, de qual pressuposto essa afirmação parte? Para o autor, Deus é eterno e o criador do tempo, portanto, não pode ser inferior e dominado por Sua criação. A eternidade está contida em Deus, detalhe esse que a coloca como superior ao tempo, por isso afirma que o tempo não pode medir a eternidade. A duração do tempo quando contrastada com a eternidade é absolutamente curta, pois é mudança.

O que Agostinho compara é a vida dos homens mortais que vivem e desenvolvem seus pensamentos estruturados em passado, presente e futuro com o criador de todas as coisas que desfruta da eternidade onde nada passa e tudo sempre está diante dEle. O tempo está diretamente relacionado com seres limitados, em igual proporção, a eternidade intimamente ligada a Deus. A eternidade controla e determina o passado e futuro sem se prender a elas.

O filósofo faz muitas perguntas a respeito do tempo, dentre elas, talvez a mais capciosa seja "o que é o tempo?"[18]. Sua resposta para sua pergunta é extremamente sincera ao dizer que quando ninguém o faz tal pergunta, ele sabe, mas caso alguém o pergunte já não sabe mais. Ele responde sua pergunta com outra pergunta tão interessante quanto "chamamos breve ao passado, se dizemos, por exemplo, "há dez dias"; e ao futuro, se dizemos "daqui a dez dias". Mas como pode ser breve ou longo o que não existe?[19]

O filósofo mostra a complexidade de tais conceitos e analisa a possibilidade de não existirem logo após constatar que ambos dependem de fatores externos a eles para existirem. Afinal, como compreender a existência desses três conceitos tão complexos como presente, passado e futuro? O passado não existe, existiu quando era presente de um tempo que já passou. O futuro também ainda não existe, afinal, sempre quando chega também já não existe, se transformou em presente que também logo passa, durando um instante. Gilson afirma que:

> As três dimensões que se tem costume de distinguir se reduzem a uma única, o presente, em que o passado sobrevive na memória e em que o futuro preexiste, de algum modo, sob forma de uma espera fundada na

[17] AGOSTINHO, Santo. 1984, p. 216.
[18] AGOSTINHO, Santo. 1984, p. 218.
[19] AGOSTINHO, Santo. 1984, p. 218.

> percepção atual das causas presentes.[20]

Está evidente que para Gilson, o futuro repousa necessariamente em uma percepção em forma de espera, a mesma medida que o passado também se funda no mesmo lugar, mas com um movimento diferente, não como expectativa, mas como memória. Antes o autor afirma que ambas se restringem ao presente, que é o único tempo que resta ao homem, mesmo que não dure mais do que um instante. Sem a memória, não teríamos nenhuma percepção espaço-temporais[21]. Sobre a relação memória/tempo no livro XI das Confissões, Knuuttila faz a afirmação[22] de que "nossa capacidade de medir tempos e avaliar durações temporais baseia-se em nossa capacidade de memorizar durações experimentadas. Tornamo-nos conscientes do tempo através da experiência da extensão temporal".

Para Agostinho,[23] "não podemos dizer que o tempo passado foi longo porque não encontraremos aquilo que tivesse podido ser longo, visto que já não existe desde o instante que passou." Em seguida, pergunta: "como pode ser longo algo que não existe?" Não existe passado longo porque o passado não está mais acessível para se mensurá-lo. O presente é a mesma coisa, no instante que passa, vira passado, que quando chega não existe mais, existiu enquanto instante, portanto, não pode ser longo. É interessante entender que até mesmo esse tempo que é chamado presente passa do futuro para o passado com muita rapidez a tal ponto de Agostinho afirmar que não possui nenhuma duração.

Conceitualmente somos acostumados a utilizar relógios para medir o tempo, os antigos usavam o sol. Embora o instrumento tenha mudado, e o homem tenha inventado algo com certo grau de complexidade para medir minimamente o que se chama de tempo, o paradigma não foi quebrado. O homem continua tentando controlar o tempo e se situar nele.

Mas porque essa necessidade de entender e controlar os intervalos dos tempos? Por que dizemos que tal período foi mais longo e outro mais curto? Sobre a medida de tempo, Pinto e Lorenzetti afirmam que:

> A medida de tempos indiscutivelmente desprovidos de concretude real do ponto de vista ontológico, a saber, o passado e o futuro, só é possível

[20] GILSON, Étienne. p. 365.
[21] O'DALY, Gerard. Augustine. 1999. P. 412.
[22] KNUUTTILA, SIMO. 2006. P.20.
[23] AGOSTINHO, Santo. 1984, p. 218.

> em razão de um duplo movimento realizado pela alma humana: em direção ao futuro mediante à expectação, e em direção ao passado via memória[24].

Segundo Agostinho, os tempos que passam são medidos pela sensibilidade, pois como se pode medir algo que já passou ou que ainda virá, se, ontologicamente, tal coisa não existe? Só é possível percebê-lo no momento de sua ocorrência, visto que o que já não existe só é acessível por meio da memória.

Quando alguém narra um acontecimento ele fala ao que é próprio à sua memória, portanto a seu ser. Toda narrativa de algo que ocorreu passa pelos sentidos gravando vestígios no homem. Agostinho cita o exemplo do sol[25] a fim de contrastar presente e futuro, fala a respeito do prognóstico de que o sol vai nascer através da aurora dizendo que o que enxergamos é presente, e o que afirma é futuro. Sobre medir o tempo, O'Daly faz a seguinte afirmação[26]:

> O tempo é a medida de uma relação, por comparação com períodos de tempo conhecidos (lembrados), mas não fazemos comparações temporais diretas com a unidade de medida padrão: medir o tempo não é como medir o comprimento, por exemplo. Nem medimos o tempo à medida que ele passa, pois o tempo em qualquer instante dado não tem extensão. O que medimos não é o processo temporal em si, mas a impressão (affectio) que a memória retém após as percepções.

Para Agostinho, não há possibilidade de um tempo existir antes de ser moldado pelo Criador. Desde que o nada passou a existir, e talvez ainda com a presença do nada, a existência do tempo é imprescindível para tal feito de maneira que nada existe fora do tempo, como o tempo não existe fora de Deus. É complexa essa relação do tempo no tempo.

Diferentemente do Criador, os seres mortais são incapazes de existir no passado ou controlar o futuro. Resta-lhes apenas a brevidade do presente, que rapidamente se transforma em passado e cessa sua existência, bem como a antecipação de um futuro que se dissolve no instante presente, que igualmente é efêmero e transitório.

Estudar o tempo e procurar explicações causais foram exercícios que Agostinho praticou durante suas "Confissões", fatores esses que não o impediram de afirmar que ninguém jamais poderia esgotar exaustivamente um tema tão profundo e complexo.

[24] PINTO, Arthur da Silva; LORENZETTI, Darlan. **Tempo e eternidade:** Notas acerca do livro XI nas Confissões de Agostinho de Hipona. São Leopoldo: Controvérsia, 2021, p.6.
[25] AGOSTINHO, Santo**.** 1984, p. 223.
[26] O'DALY, Gerard. Augustine, 1999. P. 417.

Segundo Agostinho, não é possível medir o que não existe. Nas palavras de Agostinho, é possível buscar compreensões mais aprofundadas, assim como os trajetos percorridos em sua jornada de questionamentos e busca por respostas.

> Mas donde se origina ele? Por onde e para onde passa, quando se mede? Donde se origina ele senão do futuro? Por onde caminha senão pelo presente? Para onde se dirige senão para o passado? Portanto, nasce naquilo que ainda não existe, atravessando aquilo que carece de dimensão, para ir para aquilo que já não existe. [27]

Não haveria tempo se não houvesse presente, ou não haveria presente se não houvesse tempo? Essa pergunta é demasiadamente complexa. Agostinho constata a origem do tempo: o futuro se desenrola no presente, sempre avançando para tornar-se passado e, consequentemente, deixar de existir novamente. O que é tempo senão apenas um instante? A perspectiva de Agostinho sugere um ciclo contínuo: para entender o presente, usa-se os conceitos de passado e futuro, mesmo que eles não existam concretamente.

Agostinho fala com Deus, o criador do tempo, e pede ajuda afim de compreender este enigma que o deixa perplexo. Clama a Deus que permita que continue tendo desejo por esses assuntos, ou como ele chama, problemas comuns e misteriosos. O trajeto intelectual trilhado por Agostinho é desafiador. Embora ele tenha encontrado diversas respostas sobre o tema, estas parecem insuficientes diante da sua vastidão. Não é que as respostas sejam escassas, mas, frente à profundidade do assunto, elas se mostram superficiais e não atendem às demandas intelectuais de Agostinho.

O capítulo 14 é um dos mais importantes do livro XI para se compreender como Agostinho entende o tempo. Ele pergunta:

> Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta já não sei. Porém atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria tempo presente.[28]

Seria lógico interpretar o conceito de tempo como "o não ser", conforme postulado

[27] AGOSTINHO, Santo. 1984, p. 222.
[28] AGOSTINHO, Santo. 1984, p. 217-218.

por Carneiro?[29] Se não há possibilidade de defini-lo de forma ontológica, se não há padrões claros para medi-lo com ele próprio, conforme Gilson[30], que seria o tempo senão o "não ser"? Mas o que seria o "não ser", senão uma clara manifestação da limitação, propriedade própria do homem. E o que impede nossa compreensão, senão uma esta limitação?

Agostinho tem vislumbres sobre o tempo, sabe que é criado, percebe seus efeitos ao vê-lo passar. Mas vê-lo passar é mais fácil do que defini-lo, já que seus efeitos são vistos em tudo que se enxerga. O que se sabe de forma clara é que Agostinho tem certa primazia pelo presente no sentido de que este é mais real do que passado e futuro que, segundo o bispo, um não existe ainda e o outro não existe mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o amparo de estudiosos que se propuseram a investigar o autor e a obra citados, é possível afirmar que Agostinho enxerga o tempo com uma lente singularmente profunda e diretamente influenciada por sua visão sobre Deus. Ademais, constata-se que Agostinho associa o tempo à transitoriedade da vida humana neste mundo terreno, enfatizando a busca pela eternidade e pela conexão com Deus como uma forma de transcendência temporal, afinal, Deus é eterno e nós estamos sujeitos ao tempo, portanto, transitórios.

Outra constatação é que Agostinho considera o "tempo" como um conceito complexo que transcende a mera dimensão cronológica e estabelece conexões com aspectos transcendentais do homem. Ele pode abordar a questão da experiência do tempo no âmbito da relação do homem com seu Criador. Agostinho explora o tempo não apenas como uma medida objetiva, mas também como uma experiência subjetiva, capaz de influenciar a forma como os indivíduos compreendem sua relação com o mundo, com a eternidade e com Deus, como concorda Knuuttila ao afirmar que[31] "Agostinho se concentra em um relato psicológico e subjetivo do tempo".

Segundo Pinto e Lorenzetti[32], é impossível conceituar de modo direto acerca do

[29] CARNEIRO, Marcelo Carbone. Considerações sobre a ideia de tempo em Santo Agostinho, Hume e Kant. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.,** 2004.p. 224.
[30] GILSON, Étienne. p. 366.
[31] KNUUTTILA, SIMO, 2006. P.14.
[32] PINTO, Arthur da Silva; LORENZETTI, Darlan. 2021, p.10.

que é o tempo, haja vista que somos barrados por nossas limitações intelectuais. Para os autores, o tempo é incognoscível, a não ser "nos vestígios da eternidade"[33]. Agostinho atrela tempo à memória, instância que só a racionalidade alcança. Para Agostinho, o tempo está diretamente associado à percepção e à forma como é experienciado, estando, assim, ligado à percepção humana.

O autor da obra estudada afirma que "o tempo é uma certa distensão"[34]. Distensão pode ser entendida como uma dimensão subjetiva, psicológica e interna da experiência do tempo. Para O'Daly, Agostinho não está interessado em definir o conceito de tempo, mas se utilizar de uma metáfora que evoca o estado psicológico, ou o ato mental de medição do tempo[35]. Há uma primazia em Agostinho no tempo como algo subjetivo, apesar de poder ser medido objetivamente.

O bispo leva a discussão para uma direção mais interna no que tange à forma como o homem vive o tempo. Gilson explica com clareza sobre a distensão da alma e afirma que a questão do tempo se situa entre o permanente com o transitório. Em suas palavras[36],

> Para compreender, tanto quanto possível, a relação do permanente com o transitório, pois aqui está todo o problema, Agostinho recorre a uma metáfora e propõe considerar o tempo como um tipo de distensão da alma {distentio animi), que, tornando possível a coexistência do futuro e do passado no presente, permite também perceber a duração e medi-la. Ao se considerar o tempo em si mesmo, nenhuma medida é possível, pois só se mede um tempo passado, ou seja, que já não dura e já não é; ora, não se pode medir o que já não é. Se, ao contrário, reportamos o tempo à alma, e especialmente à memória, as medidas em questão tornam-se possíveis.

Considera-se que há uma dimensão na alma, especificamente na memória. Neste espaço, o tempo, mesmo ausente em termos metafísicos, torna-se perceptível, deixando vestígios de um passado inexistente gravados no íntimo do ser. O tempo, neste contexto, não tem uma existência ontológica no mundo, mas deriva da interpretação humana que se faz dele.

Segundo Pinto e Lorenzetti, não se pode analisar objetivamente o tempo em Agostinho de uma forma espacial. A única maneira de compreender o conceito de tempo é contrastando-o com o que é imutável: a eternidade. Assim, conclui-se que o tempo reside no domínio da interioridade humana. O entendimento agostiniano do tempo é percebido

[33] PINTO, Arthur da Silva; LORENZETTI, Darlan. 2021, p.10.
[34] AGOSTINHO, Santo. 1984, p. 224.
[35] O'DALY, Gerard. Augustine. 1999. P. 416.
[36] GILSON, Étienne. p. 367.

como uma construção do espírito, com valor eminentemente subjetivo e interno, desprovido de significado fora desse contexto espiritual. Na perspectiva de Agostinho, o indivíduo percebe e experimenta o tempo de maneira subjetiva, porém real.

Sobre a distensão da alma, Knuuttila concorda com Gilson e afirma:[37]

> Agostinho argumenta que a prática da medição do tempo se baseia no fato de que a consciência humana funciona antecipando o futuro, lembrando o passado e tendo consciência do presente através da percepção. Através desta distensão da alma (*distentio animi*) temos na nossa memória imagens de coisas que estavam presentes e que esperamos que estejam presentes. Portanto, temos na alma um presente de passado que é memória e um presente de futuro que é antecipação ou expectativa. Neste sentido, o tempo existe como uma distensão da alma. Medir o tempo é medir extensões temporais entre impressões que eventos passageiros causaram na alma e que permanecem quando desaparecem. Eventos passados não existem. Quando a duração entre eles é medida, a consciência presente dos eventos passados é associada à consciência do movimento medido do passado. O mesmo se aplica à avaliação da duração de eventos futuros.

Se o passado não existe mais, o futuro não existe ainda, o presente que era futuro se torna passado a cada instante, o que resta afirmar sobre o tempo é que pode ser caracterizado como o "não ser". Esse "não ser" também poder ser entendido como nossa percepção do que está ocorrendo, mas que quando ocorre já não é mais presente. Por isso, para Agostinho, os tempos são melhores entendidos em presente das coisas passadas, presente das coisas futuras e presente das coisas presentes. Para Agostinho, o tempo é subjetivo, e depende de alguns fatores internos para serem vividos como a alma e a memória.

Sobre o conceito de tempo em Agostinho, O'Daly entende que "o tempo é medido na mente e é uma medida de duração, que pode ser uma duração de mudança ou movimento"[38]. Esta mesma compreensão é compartilhada por Knuuttila, quando diz que para Agostinho o tempo "está associado como uma ordem criada associada à sucessão das coisas"[39]. Knuuttila está correto em sua leitura das Confissões quando diz[40]:

> "Agostinho não oferece nenhuma definição filosófica ou teológica de tempo no livro 11 das *Confissões*. Ele tenta explicar como temos consciência do tempo e como sua existência pode ser explicada do ponto de vista psicológico".

[37] KNUUTTILA, SIMO. 2006. P.18-19.
[38] O'DALY, Gerard. Augustine. 1999. P. 417.
[39] KNUUTTILA, SIMO. 2006. P.14.
[40] KNUUTTILA, SIMO. 2006. P. 20.

O autor aponta para uma visão agostiniana de que o tempo é uma percepção nossa, individual e subjetiva.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo**.** Confissões: In: **De Magistro** – Do Mestre/Santo Agostinho. Tradução de RICCI, Ângelo. 3a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BENJAMIM, Francisco De S. Neto. **Tempo e razão:** 1600 anos das Confissões de Agostinho, Edições Loiola, 2002.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho:** Uma biografia. São Paulo: Record, 2005.

CARNEIRO, Marcelo Carbone. Considerações sobre a ideia de tempo em Santo Agostinho, Hume e Kant. **Interface - Comunic., Saúde, Educ., 2004**

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho.** São Paulo: Paulus,

KNUUTTILA, SIMO. Time and creation in Augustine. In: STUMP, Eleonore (org). **The Cambridge Companion to Augustine**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MARÇAL, Jairo. Antologia de Textos Filosóficos. In. AYOUB, Cristiane Abbud (org). **Agostinho:** A razão em progresso permanente. Curitiba: Seed, 2009.

O´DALY, GERARD. Augustine. In: **Routledge History of Philosophy:** From Aristotle to Augustine. V 2. London: Routledge, 1999.

OLIVEIRA, Julio Cesar Magalhães. A África de Santo Agostinho e a sociedade de seu tempo. In: PIRATELI, Marcos Roberto (org.). **Ensaios sobre Agostinho de Hipona:** história, música, filosofia e educação. Maringá: EDUEM, 2014.

PERES, Sávio Passafaro; MASSIMI, Marina. **A espacialidade da memória nas Confissões de Agostinho.** Memorandum**:** Memória e História em Psicologia, v. 22, p. 68-91, 2012.

PINTO, Arthur da Silva; LORENZETI, Darlan. **Tempo e eternidade:** Notas acerca do livro XI nas Confissões de Agostinho de Hipona. São Leopoldo: Controvérsia, 2021.

PIRATELI, Marcos Roberto. **A humanitas em Santo Agostinho:** ou como santificar o homem nas ruínas do Império Romano. Maringá: EDUEM, 2012.

POSSÍDIO, São. **A vida de Santo Agostinho.** São Paulo: Paulus, 1997.

RUFINO, José Renivaldo. **Passado, presente e futuro**: o tempo da consciência e a consciência do tempo no pensamento de Santo Agostinho. Recife:UFPE (Dissertação de Mestrado), 2003.

SANTOS, Bento Silva. **Metafísica da memória no livro X Das Confissões de Agostinho.**

Veritas (Porto Alegre), v. 47, n. 3, p. 365-375, 2002.

SOUZA, Netto Francisco Benjamin; PALACIOS, Pelayo Moreno. **Tempo e razão:** 1600 anos das Confissões de Agostinho. São Paulo: Loyola, 2002.

STREFLING, Sérgio Ricardo. **A atualidade das Confissões de Santo Agostinho**. Porto Alegre: Teocomunicação, v. 37, n. 156, 2007.